SERMAM
DAS ALMAS

QUE PREGOU FERNANDO DE Castro de Mello, Deão da Real Capella do Ducado de Bergança,

NO MOSTEIRO DA ESPERANÇA de Villaviçosa.

PRINCIANDOSE A IRMANDADE das Almas no dito Convento em 7. de Setembro de 1648. annos.

Com todas as licenças necessarias.

EM LISBOA,

Na Officina de Paulo Craesbeeck, anno 1649.

LICENÇAS.

P Odese imprimir o Sermão incluso, que prègo o Deão Eernando de Castro de Mello no Mo teiro da Esperança de Villa Viçosa, & depo de impresso tornarâ ao Conselho pera se conferi com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrà. Lisboa 17. de Dezembro de 1648.

Francisco Cardoso de Torneo. Pedro da Sylua de Faria

P Odese imprimir. Lisboa 8. Janeiro de 649.

O Bispo de Targa.

Q Ve se possa imprimir este Sernão, visto as li cenças do Sancto Officio, & Ordinario, depois de impresso tornarà a esta mesa pe se taixar, & sem isso não correrà. Lisboa. 11. de Ianei ro de 649.

Ribeiro. *Coelho.*

P Ode correr este Sermão, por estar conforme c o original. Lisboa 19. de Ianeiro de 1649.

Fr. Ioão de Vasconcellos. Pedro da Syva de Far

Francisco Cardoso de Torneo. Diego de Sousa.

T aixase este Sermão a doze reis, em Lisboa 21. de Janeiro de 1649.

Coelho. *Ribeiro.*

Hæc eſt autem voluntas ejus, qui miſit me, Patris, ut omne, quod dedit mihi Pater, non perdam ex eo, ſed reſuſcitem, eum in noviſſimo die. Ioannis. 6.

Rincipia hoje a devoção deſta caſa, a ſolemnidade, que promete fazer todos os annos: dãoſe hoje as maõs em reciproca, & verdadeira amizade as almas religioſas deſte Convento, & as almas ſanctas do Purgatorio: empenhãoſe as almas vivas deſte mundo, cõ as almas dos defunctos do outro prometem de hoje em diante ſeu favor, & amparo as Eſpoſas de Chriſto na terra, às que ſaindo das penas, ſe haõ de eſpoſar cõ o meſmo Chriſto na gloria. Eſta he a celebridade q́ ſolemnizamos hoje, & neceſſario era, que o diſſeſſemos, porque o dia a não ſuppoem. O fim, & o intẽto de Chriſto Salvador noſſo no Evangelho preſente he querernos ſignificar, como todo o divino Ser, que goza lhe he communicado do eterno Pay, que o gera, & como todas as obras, que faz, ſaõ obediencias à võtade de Deos, que o manda; *Hæc eſt autẽ volũtas ejus, qui miſit me, Patris.* Aquelle verbo [*miſit*) na occaſiaõ preſente, & outras ſemelhantes, conforme explicaõ os melhores interpretes, não ſignifica ſomente (mãdar) ſenão tãbẽ (gozar) Dõde o meſmo foi dizer, Chriſto: *Hæc eſt autẽ volũtas ejus, qui miſit me Patris.* Eſta he a vontade daquelle Pay, que me mandou: Do que ſe diſſera: *Hæc eſt autẽ volũtas ejus, qui genuit me Patris.* Eſta he a vontade daquelle Pay, que me gerou.

Isto supposto, entra agora a difficuldade, que nos ha de fundar o Sermão. E pois que tẽ que ver a cõmunicaçaõ do Pay ao Filho, na natureza, & a obediencia do Filho ao Pay, nas obras, cõ a celebridade, que hoje temos nas maõs? A materia da celebridade presẽte, como ja disse, saõ oraçoẽs offerecidas o Deos por parte daquellas almas sãtas, pera que tirãdoas o Senhor das penas, que padecẽ, as leve a descãçar à gloria, que as espera: He hũa liberalidade, q̃ vzão as almas abrazadas em fogo de amor divino, pera cõ almas abrazadas em fogos de tormento. Que cõveniencia pòde logo haver entre as obras da charidade humana, & entre as processoens da natureza divina? Que connexão entre as esmolas, que se fazẽ às almas, & entre a essencia, que se cõmunica ao Verbo? A primeira vista parece, que assàs encontrada temos a materia do Evãgelho, com a substancia da celebridade. Busquemoslhe cõ tudo conveniencias, que lhas havemos de achar mui claras. E quãto ao que eu discurso: O fundamẽto, & razão, que a Igreja Catholica teve pera ajũtar o Evãgelho presente cõ a solemnidade do dia: foi querernos ensinar, que nos hajamos no dar das nossas esmolas, como o eterno Pay se ha na cõmunicaçaõ de sua essencia; que sejamos em fazer beneficios, como Deos he em o cõmunicar natureza: Que nos hajamos cõ as almas do Purgatorio na liberalidade do dar: como Deos se ha com seu unigenito Filho na cõmunicação do ser. No discurso do Sermão me explicarei de todo: pera entrarmos nelle peçamos ao divino Spirito graça por intecessão da Senhora AVE MARIA.

Tr

Tres circunſtancias àcho na cõmunicação da divina natureza do eterno Pay ao eterno Filho, ᷑ ſaõ as tres propriedades, ᷑ deſcubro, devem ter as obras de noſſa charidade, para ſerẽ cabalmente perfeitas. Primeira, ᷑ para ſe cõmunicar a divina natureza do Pay ao Filho não eſpera tẽpo: ſenão, ᷑ no meſmo principio ſem principio da eternidade, em ᷑ o Pay teve o divino ſer improducto, o teve logo o Filho cõmunicado. Segunda, ᷑ de tal modo ſe lhe cõmunica toda, ᷑ não fica o Pay reſervando della nada, ᷑ lhe não communique. Terceira, ᷑ cõmunicandolhe o Pay ao Filho toda a divina Eſſencia, cõ todas as propriedades, & atributos, cõ tudo em retorno, & ſatisfação nam eſpera nada. Eſtas tres circunſtãcias, ᷑ ſe achaõ na cõmunicação da divina Eſſencia, hão de ſer as tres propriedades, ᷑ ſe deuẽ achar na charidade de noſſas eſmolas feitas ás almas do Purgatorio. Primeira, hão de ſer prõptas, & apreſſadas, ſem dependencia algũa de tẽpo. Segunda, hão de ſer liberaes, ſem reſervarmos para nòs nada daquillo, que lhe podermos offerecer. Terceira, hão de ſer deſintereſſadas, de modo, ᷑ nos não fique eſperança algũa de retorno. Em hũa palavra: Promptas ſem dependencia: Liberaes ſem reſerva: Deſintereſſadas ſem eſperança.

E começando pella primeira propriedade: digo, ᷑ hão de ſer prõptas as obras de noſſa charidade, ſẽ dependencia de tempo: porᷓ muitas vezes, os bõs propoſitos, que cõcebe o noſſo intendimẽto, & abraça noſſa vontade, ſe ſe detẽ, a meſma variedade, & inconſtãcia do tẽpo, os arruina. Quãtas obras ſanctas ſe não exe-

cutarão, sò porque dilatarão. Quãtas vezes desbaratou pequeno descuido, o ǫ́ nos havia custado grãde cuidado. Assi que nas obras sanctas da charidade, o mesmo ha de ser imaginar, que executar, entre o querer, & o fazer, não se ha de achar meio algũ. S. Dionisio Areopagita disse delicadamẽte, que o verdadeiro liberal, hase de haver no dar, assi como se ha o Sol em o luzir: *Vt enim Sol noster, qui non cogitatione, aut volũtate, sed eo ipso, quod est, omnia illustra, &c.* Porǫ́ assi como em o dar do Sol, nẽ precede imaginação ao luzir, nẽ võtade ao aquentar, senão, que no mesmo instãte, ǫ́ que apparece no ceo, allumia a terra. Assi tãbẽ, pera ǫ́ o nosso dar seja perfeito, havemos de dar de maneira, que nẽ ainda deixemos passar diãte, ou a imiginação, ou a resolução de querer dar: & postoǫ́ o resolver seja depois do imaginar, & o imaginar depois do ser, nẽ madruga a liberalidade, que cõsente naça primeiro o imaginar, nẽ carece de reprehensão o dar, que deixa passar diante o resolver: Hão de andar mãos dadas, o dar, & o ser: Hade dar o liberal, não quãdo o imagina, que ja he tarde, nẽ depois que o resolve, ǫ́ não he sedo, ha de dar logo no primeiro instãte, que tiver ser, que assi dà o Sol. *Nõ cogitatione, aut volũtate, sed eo ipso, quod est, omnia illustrat.*

Lib. 4. de Divinis nominib.

em, ainda

Atè aqui disse S. Dionisio Areopagita; agora digo eu, que não somẽte he obrigação do verdadeiro liberal, dar sem dependencia de tẽpo, senão, que se a necessidade o pedir, ha de dar ainda antes de tẽpo, & ha de dar ainda depois do tẽpo: Não se ha de reger pello tempo o liberal, hase de conformar cõ a necessidade. Naquella jornada que Christo Salvador nosso fez de

Betha

Bethania a Jeruſalẽ, refere o Evãgeliſta S. Marcos, que
em o caminho ſe achou o Senhor cõ fome: *Et alia die*
cũ exirent à Bethania, eſurijt. E encõtrãdo no cãpo hũa
figueira chegouſe o Senhor a ella, & porque buſcãdo-
lhe o fruito, lhe não achou mais que folhas, a amaldi-
çoou, & ſecou a figueira. Eſte caſtigo ſenão fora miſ-
terioſo, parecera cruel, porque, ſe como notou o pro-
prio Evãgeliſta, não era inda tempo de a figueira ter
fruito. *Non erat tẽpus ficorũ*; para que lho hia o Senhor
buſcar? & ſe neſta o não achou, quãdo nas outras fi-
gueiras o não havia, porque caſtiga a eſta ſô como cul-
pada? Se a caſtigou, parece que tinha ella obrigação de
dar fruito, mas ſe por ſer primavera não era ainda tem
po de o ter, como podia ter obrigação de o dar? No-
tai ſenhores: Verdade he, que reſpeitãdo ao tẽpo da pri
mavera, não tinha a figueira obrigação de ter fruito;
mas pois o Senhor ſe chegava a ella a remediar ſua fo-
me, tinha ella obrigação, de ainda antes do tempo,
lhe dar o ſeu fruito. Não devia o fruito ao tẽpo, porẽ
deviao à neceſſidade, porque ainda ꝗ o tẽpo de prima-
vera não pedia fruito, a fome de Chriſto pedia reme-
dio; & para ſe remediar a neceſſidade, que ſe ve, não ſe
ha de eſperar pello tẽpo, que eſtà por vir. Por iſſo he ca
ſtigada cõ tãto rigor eſta figueira; porque pera reme-
diar neceſsidade preſẽte, eſperava tẽpo futuro. Provo
o ſegundo, que he obrigação do liberal, pidindoo a ne-
ceſsidade, dar ainda depois do tẽpo. Depois ꝗ Chriſto
Salvador noſſo eſpirou na Cruz, raſgoulhe hũ ſoldado
o peito cõ hũa lãça: *Vnus militũ lancea latus eius a-*
peruit; & teſtemunha o Evãgeliſta ſagrado, que logo

Marc. cap. 11.

Ioan. 19.

em continẽte correo da ferida sangue, & agoa. *Et cõtinuò exivit sãguis, & aqua.* Deste precioso sãgue, & desta mysteriosa agoa, querẽ os Doutores todos, & ainda algũs dos sagrados Concilios, nacessẽ à Igreja Catholica os Sacramẽtos. *De latere Christi exierũt sacramẽta.* Agora notai o mysterio. O Corpo de Christo, depois de morto, nenhũa obrigaçaõ tinha de nos dar sangue, porque lhe era já passado o tẽpo: assi o ensina a Medicina mais certa. Mas porque o remedio de nossas culpas pedia aquella agoa, & aquelle sangue, deu o Senhor, não porque o tẽpo, em que elle estava o pedia se não porque a necessidade, em que nòs estavamos o requeria: deu como verdadeiro liberal, não respeitando o tẽpo, mas conformandose cõ a necessidade, porque a necessidade assi como não tem ley, assi tambẽ não tem tẽpo. Verdade he, que em todo o tẽpo se ha de dar, mas tãbem he certo, que nenhũ dar se ha de governar pelo tẽpo. E se em todos as obras da Charidade he certa esta doutrina, nas q̃ se executão cõ as almas do Purgatorio, parece de todo ponto necessario, porque ali he a necessidade mais certa, o tormento mais notorio, a pena, & afflicção mais conhecida, & aonde as necessidades saõ maiores, ahi devem ser mais prõptos os remedios; antes tam prõpto deve ser o remedio, aonde he grãde a necessidade que primeiro se ha de prover o remedio, doque se veja a necessidade: ainda não ha de haver necessidade, & ja hade estar praticado o remedio.

Peccou Adam grosseiro, & sobre ingrato às merces, & beneficios, que de Deos tam liberalmẽte havia recebido: perdeo em hum instante a amizade de seu Cr[...]

Criador, a semelhãça de seu Deos, a graça, & fermosura de sua alma, a gentileza de seu corpo, a innocencia de sua vida; perdeo tudo, por pouco mais de nada; por hũ bocado de hũa maçã partida, perdeo a felicidade de hũ paraiso inteiro. Mas eu em o quemais reparo he, que o proprio foi peccar Adão, que dizer Deos: *Ecce Adã quasi vnus ex nobis factus est*. Exaqui Adão, q̃ està semelhãte a hũ de nòs. Antes de peccar Adão estava semelhãte a todo Deos, & a todas as tres divinas Pessoas, a cuja imagẽ, & semelhança fora criado. *Faciemus hominẽ ad imaginẽ, & similitudinẽ nostrã:* porẽ tanto q̃ peccou Adão, perdeo toda a semelhança de Deos, & ficou somẽte cõ a semelhãça de homẽ. Se ficando cõ a semelhãça de homẽ, ainda assi se parecia com hũa das tres divinas Pessoas, claro està, que não se podia parecer, senão cõ a pessoa do divino Verbo, porque o divino Verbo foi o que por salvar aos homens, tomou forma, & semelhãça de homẽ. *Habitu invẽtùs, ut homo:* pois valhame Deos, ainda agora acaba de peccar Adam, ainda agora acaba de perder a semelhança de Deos, & já acha ao divino Verbo cõ semelhãça de homẽ? Sim; porque como a liberalidade de Deos seja infinita, não cõsentio, se conhecesse distancia algũa de tẽpo, entre a necessidade, & remedio: seja o mesmo peccar Adã, que ter ja Deos previsto o remedio a sua culpa: & por isso notai, q̃ aquella semelhãça de homẽ, naõ a tomou o divino Verbo de Adão, senão, que Adão foi o q̃ a tomou do divino Verbo não disse o divino Verbo, Eu estou semelhante a Adão, senão, Adão me està semelhante a mim; para que vissemos ser ainda maior

Gen. 3.

ro: a presta ao divino Verbo em remir, do q́ fora em Adão a diligencia no peccar: Não poderà dizer o mũdo, q́ vio primeiro a Adão peccando, do q́ visse ao divino Verbo remindo. Vista embora Adão o habito de sua penitencia, que o publique peccador, q́ jà achará ao divino Verbo vestido no habito de nossa humanidade, para o manifestar Redẽptor. *Adão, sicut vnus ex nobis factus est.* E ouvesse a segunda Pessoa no rimir como a primeira pessoa se ha em o dar: q́ a diligencia q́ o Pay usa cõ o Filho na cõmunicação de sua essencia usou o Filho cõ Adão no remedio de sua culpa: o Filho teve o Ser cõmunicado logo q́ o Pay o teve im producto, & Adão no mesmo instante, que se vio com a culpa, se achou logo com o remedio della *Ecce Adão sicut vnus ex nobis factus est.*

A esta primeira propriedade de serem prõptas sem dependencia de tẽpo as obras de nossa charidade, se ha de ajuntar a segũda de serẽ juntamẽte liberaes, sem reserva de cousa algũa. Hase de resolver o verdadeiro liberal a dar tudo o q́ puder offerecer, sem reservar nada para si. Mas acho hũ desar grãde nesta fineza, que cõ ser a maior, he a ultima: quẽ a fizer hũa vez, não poderà repetir a segunda, porq́ quẽ de hũa vez der tudo, não lhe pòde ficar ja mais q́ dar. Mas bõ remedio Imite o affecto da charidade humana, o q́ na instituição do divinissimo Sacramento obrou o affecto do amor divino. Christo Salvador nosso todo se nos dà na hostia, & todo se nos torna a dar no caliz, & debaixo de ambas as especies se nos dà tantas vezes todo quantas os Sacerdotes da Ley da graça o offerecem

Math.24 Mar. 14. Luc. 22.

ao Eterno Pay no ſacrificio incruento do Altar. Pois
Senhor, & não baſtava darvos todo em toda a hoſtia,
& todo em qualquer parte della, ſenão, que ſegũda vez
vos entregaes todo debaixo dos accidentes do vinho?
Sim, ꝗ eſſa he a fineza de hũ amor liberal, eſſa he a li-
beralidade de hũ coração amãte, repetir a meſma da-
diva, quando de novo não tẽ ja ꝗ offerecer. Não podia
Deos excogitar maior beneficio, que darſenos todo
ſacramentado; mas porque a liberalidade grande de
ſeu Amor, achou ſer ainda pouca fineza darſenos to-
do hũa ſó vez debaixo dos accidentes do paõ, obrigao
a que ſe nos dè a ſegũda vez todo, debaixo das eſpecies
do vinho: porque jà ꝗ não podia fazer maior a dadiva
no ſer, a accreſcentaſſe ao menos em a repetir. Mas no-
tai, ꝗ eſta fineza ſe não acha de ordinario, ſenão em a-
quella liberalidade, ꝗ he naſcida de amor, & de affei-
ção. Porꝗ aſsi como ſaõ diverſos os fins da liberalida-
de, aſsi tambẽ pòdẽ ſer differẽtes os principios: ou me
póde fazer liberal a vaidade, ou a natureza, ou o ſan-
gue, ou o empenho, ou a obrigação, ou finalmente
o amor. Porém entre todas eſtas liberalidades, a
mais firme, & mais ſegura he aquella, que naſce
dos empenhos do amor, & ſe cria aos peitos da af-
feiçaõ.

Donde he de notar o bom juizo, & diſcurſo das
noſſas almas do Purgatorio, as quais, havendo de buſ-
car remedio, & alivio a ſuas penas, nẽ o pedem aos pa-
ys, nem às mays, nem aos irmãos, nem aos parentes,
ſenão ſòmente aos amigos. *Miſeremini mei, miſeremini
mei ſaltẽ vos inimici mei, quia manus Domini tetigit me.*

Pois

Pois pergunto; & porque pedẽ mais a misericordia aos amigos, que aos parentes? porq̃ solicitão o remedio mais daquelles, que lhe tem o amor por affecto que daquelles, que lhe devem o beneficio por obrigação? Eu o direi: Porque desejão aquellas almas santas, que seja a liberalidade das esmolas, & dos suffragios, igual ao rigor das penas, & dos tormentos & a esse respeito, mais esperaõ da affeição dos amigos, que da obrigação dos parentes: mais confiam da liberalidade dos conhecidos, que do conhecimento dos obrigados: mais fião das Irmandades de devoção, q̃ das irmandades de sangue: mais querem hum irmão, & hũa irmãa devota, que hum irmão, ou hũa irmãa carnal: & a razão de tudo he: porque sempre he mais cabal a dadiva aonde intervem os affectos do amor, que o beneficio aonde somente se acha as abrigaçoens do sangue: ao proprio sogeito, q̃ sendo pay lhe falta q̃ dar ao filho, sendo amigo lhe sobeja offerecer ao outro amigo: & a razão he, porq̃ quando offerece como amigo, he medianeiro o amor: quando dà como pay, he terceira a obrigação: & muito mais dà quem offerece por amor, que quẽ dá por obrigação.

O Patriarcha Isaac naõ tinha para dar mais que hũa sô bẽçaõ, esta lhe furtou Jacob cõ a industria que todos sabeis, aproveitandolhe mais o ser mimoso da mãy, que a Esau o ser favorecido do pay. Não podia levar em pasciencia, sendo mais velho Esau, que ficasse mais accrescentado Iacob, & fiado na affeição que ja exprimentara em o pay, não perdia a esperança de lhe poder tirar a segunda benção. *Numquid*

Gen. 27.

unam

unã tantũ benedictionẽ habes pater? Mihi quoque obsecro, ut benedicas. Compadeceoſe o amor de pay da juſta queixa do filho, & lançandolhe a ſegunda bẽção diſſe aſſi: *In rore cæli, & in pinguedine terræ desuper erit benedictio tua.* Lá do alto decerà ſobre vòs filho meu hũa benção com toda a fartura do Ceo, & com toda a abundancia da terra. Donde notai, que mais deu Iſaac neſta ſegunda benção a Eſau por amoroſo, do que tinha dado na primeira a Iacob por pay, porq́ na primeira benção, que deu a Iacob, diſſe deſta maneira: *Det tibi Deus de rore cæli, & de pinguedine terræ abundantiã frumẽti, & vini:* Devos Deos da fartura do Ceo, & da fertelidade da terra abundancia de pão, & vinho. De modo, que lhe eſtendeo ſomente a benção à abundancia do paõ, & do vinho: *Abundantiã frumenti, & vini.* A qual limitação não pos na ſegunda benção, que deu a Eſau. E a razão he, porque na primeira benção, que deu a Iacob, interveyo a obrigação de pay: na ſegunda, que deu a Eſau, interveyo o affecto da affeiçao. Interveyo na primeira a obrigação de pay; porque ſendo Iſaac pay daquelles dous filhos, tinha obrigação de deixar a hum delles aquella benção, a que eſtava vinculado o ſeu morgado; & interveyo na ſegũda o affecto da affeição, porq́ não tendo Iſaac para dar mais que hũa ſò benção, o amor, que tinha a Eſau lhe fez achar a ſegunda: de modo que a Iacob deu como pay obrigado, & a Eſau deu como amigo affeiçoado: pois por iſſo quando na primeira benção de Jacobo ſe poem taixa, & medida certa: *Abundantiam frumenit, & vini.* Na ſegunda

gunda de Esau, se não acha limitação algũa. *In rore cæli, & in pinguedine terræ desuper erit benedictio tua.* Mui discretas andão logo as almas sanctas do Purgatorio em buscaré o remedio de suas penas, & o alivio de seus tormentos antes na liberalidade de seus amigos, que no obrigação de seus parentes. *Miseremini mei miseremini mei, saltem vos amici mei.*

E na verdade, que ainda que a sua petição não fora tam justa, devia ser mui diligente o nosso remedio, pois he certo não poderá vencer nunqua a liberalidade de nossas esmolas a graveza de seus tormentos: não se poderà igualar o nosso dar, ao seu penar porque muito mais he o que padecem na realidade que o que podemos alcançar com o pensamento. E considerando eu cõ algũ cuidado, qual serà o maior tormento, que padecem as almas sanctas no Purgatorio, vim a resolver, & não sem fundamento, que pena, que mais cruelmente as atormenta, he a esperança. De modo que mais padecem aquellas almas sanctas por viverem de esperança, que por viverem no Purgatorio: mais se affligem com a esperança da gloria futura, que com a continuação da gena presente: maior tormento tem sò no esperar, que em todo o outro padecer. Crucificado estava Christo nosso bem no monte Calvario, no meyo de dous ladroẽs, quando hũ delles allumiado na Fé cõ os rayos daquelle divino Sol de justiçã, q por seu amor agonizava entre os braços, & abraços de hũa Cruz, fitou nelle os olhos, & bradou dizẽdo: *Domine, memẽto mei dũ veneris in regnũ tuũ.* Lembraivos Senhor de mim tanto q chegardes ao

Luc. 23.

vosso

voſſo Reyno. Difficulto aſsi: Se o bõ ladraõ ſe achava
naquella hora todo cercado de dores, cercado todo
de tormentos, lidando com os rigores de hũa Cruz,
lutando cõ as agonias de hũa morte, porque não pede
antes ao Senhor, q́ o tire da Cruz, & q́ o livre da mor-
te; ſenaõ, q́ o aſſegure nas eſperanças da gloria? *Domi-
ne memento mei dũ veneris in regnũ tuũ?* Igualmẽte pe-
nava o bom ladraõ naquella hora com as agonias da
morte, & com as dilaçoens da gloria. Lutava no meſ-
mo ponto cõ os tormentos da Cruz, em que padecia;
& lidava com as ancias da eſperança, em q́ ſe achava.
Mas entre a Cruz, & a eſperança, Dimas, mais ator-
mentado ſe ſente cõ a dilaçaõ da gloria, porqne eſpe-
ra; que cõ o rigor, & crueldade da Cruz, em que pade-
ce? & como ſò trata de buſcar alivio ao maior tormen-
to, naõ pede ao Senhor, q́ o tire da Cruz, ſenaõ q́ o li-
vre da eſperãça. *Dñe, memento mei dũ veneris in regnũ
tuũ.* E ſe o bõ ladraõ avalia por maior tormento as di-
laçoens de hũa eſperãça, q́ os rigores de hũa Cruz; do
meſmo modo julgo eu, padeceràm tãbem mais as al-
mas ſanctas do Purgatorio, na eſperãça da gloria, q́ ſe
lhe dilata; que no rigor do fogo, q́ as atormẽta. Mas cõ
tudo iſſo eſtà, que aſsi como as almas do Purgatorio nã
tẽ maior pena que a eſperãça; aſsi tãbẽ não tẽ maior cõ
ſolaçaõ, que a eſperãça, nẽ tẽ maior bẽ, nẽ padecẽ ma-
ior mal, q́ a eſperãça: he o ſeu maior alivio, & he o ſeu
maior tormẽto: pello q́ nella eſperaõ, lhes he o maior
alivio: & pello q́ nella padeçã; lhe he o maior tormẽto:
nella padecem o maior mal; & nella eſperaõ o maior
bẽ; nella padecẽ o maior mal, porque eſperaõ, & porq́

nella esperaõ o maior bẽ, por isso nella padecem o maior mal, q̃ he a dilação desse bẽ: esperaõ ver a Deos, & padecẽ naõ ver a Deos: todo seu maior alivio he esperãça de ver a Deos, & todo seu maior tormento he a dilaçaõ de o ver. E se a dilação de hũa vista humana, onde de ordinario não ha nada divino, he muitas vezes a maior pena de hũa alma neste mũdo: a dilaçam de hũa vista divina, õde se não acha nada humano, porque naõ serà maior tormẽto de muitas almas no outro?

Dõde me venho a presuadir, que a ninguẽ cõ maior fundamẽto pertẽcia a devoçaõ das almas do Purgatorio, q̃ ás Religiosas deste sãto, & illustre cõvento. Porque inda que nẽ todas as Religiosas da Esperãça sejaõ almas do Purgatorio, todas as almas do Purgatorio saõ freiras da Esperãça, porque todas vivẽ na Esperãça: & entre hũas, & outras almas achava eu, que não havia mais que esta pouca differẽça; q̃ hũas, vivẽdo no lugar da pena, sustẽtãose das esperanças da gloria: as outras marando na Esperança da terra, sò vivẽ das esperãças do Ceo: no põto em que deraõ a Deos a maõ de esposas nesta Esperança, logo deraõ de maõ a todas as outras esperanças.

Mas com ser tão preciosa cousa a esperança, sò em hũa cousa dizia eu naõ havia de haver esperãça, que he na liberalidade de nossas esmolas: & temos entrado no terceiro discurso do Sermão. Mas topamos logo no principio delle cõ esta instancia: Se nas esmolas, & suffragios, que se offerecẽ às almas do Purgatorio, naõ ha de haver esperãça, porque se principia hoje a Irmãdade das Almas na Esperãça? Respõdo, q̃ de tal modo

lhe dâ hoje principio a esperãça, que o faz sem nenhũa esperãça. Verdade he, que estas tres Virtudes, Fè, Esperança, & Charidade, de ordinario neste mũdo se achaõ juntas; porẽ nas esmolas, que se fizerẽ às Almas, poderà haver Fé com Charidade, mas não ha de haver Charidade cõ Esperança. Seja muito embora a charidade das Religiosas da Esperãça, porq assi serà perfeita; mas seja hũa charidade sẽ esperãça; porque assi será perfeitissima. A liberalidade em muitas cousas symboliza cõ o amor; porque assi como he mais perfeito aquelle amor, que não solicita correspõdencia; assi he mais nobre aquella liberalidade, que naõ espera satisfacaõ. Duas excellẽcias ha de ter a charidade de nossas obras; hũa antes, & outra depois de feitas, antes de feitas não haõ de esperar peticaõ; depois de feitas nam haõ de aguardar por paga: nẽ havemos esperar, que nos peção, nem havemos aguardar, que nos paguẽ.

No dia do juizo universal ha de agradecer Christo Salvador nosso a seus escolhidos quaesquer esmolas, que nesta vida fizeraõ aos pobres por seu Amor; mas adverti no teor das palavras, de que o Senhor ha de uzar, que a meu ver tẽ hũa novidade muito grande: *Amẽ dico vobis, quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* Mat. 25. Na verdade vos digo, que todas as esmolas, que fizestes a hũ destes meus irmaõs mais pequeninos a mim mas fizestes. Pois pergunto, & as esmolas, que se fizerẽ aos pobres maiores, não as ha o Senhor receber tãbẽ por suas? Claro està que si. Como faz logo particular mẽçaõ sô daquellas, que se fizerẽ aos seus pequeninos. *Vni ex his fratribus meis minimis*

He a razaõ; porque ainda que todas as esmolas, que indistinctamẽte se fazẽ aos pobres todos pello amor de Deos, as receba no dia do Iuizo universal Christo Salvador nosso, como suas, cõ tudo farà particular mençaõ das que fizeraõ aos innocẽtes, porque nestes achou o Senhor maior perfeiçaõ. Pois pergũto? E porque saõ mais perfeitas as esmolas, que se fazẽ aos pequeninos, do que as que se fazẽ aos maiores? Respõdo, porque os pequenos, os innocẽtes, nẽ sabẽ pedir, nem pódẽ agradecer: naõ sabem pedir, porque lhes falta o juizo para fazer a petiçaõ: naõ pòdem agradecer, porque lhes faltaõ as posses para recõpensar o beneficio. Isso he ser innocente; nem conhecer a necessidade propria, para lhe buscar o remedio; nem avaliar o beneficio alheyo para lhe acudir com o agradecimento. Pois eis ahi a causa porque o Senhor se pagarà mais das nossas esmolas feitas aos seus innocentes; porque nellas, nẽ de sua parte pòde intervir petição, nem da nossa se pódia esperar retorno: saõ mais desinteressadas, por isso as julga o Senhor por mais perfeitas, & por isso tambem dentre todas as outras escolhe estas mais particularmẽte para si. *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.*

E se as esmolas que se fazem aos innocentes agradaõ tãto ao Senhor, que as toma todas para si: a mesma razaõ corre tambem, nas que fizermos às Almas do Purgatorio; porque o lugar aonde vivem, tambem as faz innocentes. A innocencia póde ter hũ destes dous principios. Quem naõ tem pena, nem gloria, & quem não merece, nem desmerece, he in-

nocente: & posto que pello primeiro principio não sejão as almas do Purgatorio innocentes, porq na realidade padecem os tormentos do fogo: cõ tudo pello segundo principio as podemos chamar innocentes, porque no lugar em q estaõ, nem merecem, nẽ desmerecẽ: não merecem, porque nas penas, que sofrẽ, satisfazem: não desmerecem, porque o proprio lugar da pena as izenta de toda a culpa. Mas entre hũa, & outra innocencia ha esta differença; que a innocencia neste mũdo nasce dos poucos annos de idade. A innocencia no outro, procede da propriedade do lugar, aonde se vive. A huns os faz innocentes os poucos annos, que tem: a outros os faz innocentes o lugar, em que assistem. Entre huns, & outros innocentes ainda ha hũa diversidade mui grande: porque aquelles, a quem a idade neste mundo faz innocentes, por isso não pòdem ser aggradecidos, porque lhes falta o prefeito uzo da razão: mas aquelles, aquem o lugar no outro mundo faz innocentes, porque livres da oppressaõ dos corpos, tem mais claro o juizo para o conhecimento do beneficio, por isso mesmo tẽ mais prõpta a vontade para o aggradecimento do suffragio; & vem a ser, q ahi mesmo onde fugiamos a satisfaçaõ de nossas esmolas, ahi mesmo achamos mais certo o aggradecimento dellas: quãto da nossa parte nos desejavamos mais desinteressados, tãto da outra nos achamos melhor correspondidos. Para fugirmos o aggradecimẽto, buscavamos a innocencia: & agora ja na mesma innocencia encõtramos mais prõpto o aggradecimẽto: por q se a innocencia da idade izenta de toda a satisfacção,

a innocencia do lugar obriga a maior correspondẽcia.

Sempre reparei, em que naquella tenção, com que o diabo enganou nossa mãy Eva, lhe não fez menção, mais que do saber do Filho. caloulhe o poder do Pay, & caloulhe o amor do divino Spirito. *Eritis sicut Dij scientes bonũ, & malum:* Se comerdes o fruito da Arvore, que vos està vedada (dizia o diabo a Eva) sereis como Deos, que sabe o bẽ, & o mal. Achava eu, q̃ para hũa molher igual tentação lhe podia ser o desejo de ser sabia, como o desejo de ser poderosa: a excellencia de saber tudo, como a ambição de mandar tudo. Que razão haveria logo para o diabo a tentar somẽte cõ a sciencia do Filho, & não com a omnipotencia do Pay: *Eritis sicut Dij sciẽtes?* Para melhor intelligẽcia da reposta, supponho como Theologia certa, que posto que os divinos attributos sejão indistinctos da essencia, & por ahi cõmuns às tres divinas Pessoas: cõ tudo por especial razão se attribue a omnipotencia ao Pay, a Sabedoria ao Filho, o Amor ao Spirito Sancto. Supponho em segundo lugar, que posto que na creação de Adão, & Eva assistirão todas as tres divinas Pessoas; cõ tudo parece no modo de falar, que o maior cuidado, & a maior assistencia que nella ouve, foi da pessoa do eterno Pay, & q̃ as outras duas divinas pessoas vierão como chamadas, & convidadas: *Faciamus hominẽ ad imaginem, & similitudinem nostram:* & sobre tudo supponho como infallivel, que como as obras ad extra sejão o ter do poder divino, & o poder se attribua mais particularmente ao Pay, como jà dissemos, seguese, que sendo a criação de Eva obra ext[illegible]

Gen. c.1. n. 26.

extra, ao Pay se havia de atribuir, & apropriar. Dõde se infere ao nosso modo de entender; que ficava Eva em sua criação mais obrigada à Pessoa do Pay, que à do Filho, & que á do Spirito Sãcto. Pois eis ahi causa, porque o diabo em sua tentação retira o poder do Pay, & sò lhe faz menção do saber do Filho: *Eritis sicut Dij scientes*, porque como Eva estava ainda no estado, & lugar da innocencia, corrialhe tanta obrigação de aggradecida, que achou o diabo, que se naquella hora lhe trouxera à memoria a pessoa do Eterno Pay lembrada Eva do que em sua criação lhe devia, o não ouvera de offender, sò por se lhe mostrar aggradecida. Pois bõ remedio, diz o diabo, se Eva para offender a todas as tres divinas Pessoas, basta que offenda a hũa sò, eu lhe farei menção daquella, a quẽ lhe parece que deve menos, & lhe calarei aquella, a quem està persuadida que deve mais: não lhe trarei à memoria a omnipotencia do Pay, farlhehei somente mẽção da Sabedoria do Filho: *Eritis sicut Dij scientes*; que se Eva por innocente se ouvera de mostrar aggradecida com a pessoa do Pay, a quem devia mais; por molher se mostrarà ingrata com a pessoa do Filho, a quem deue menos.

E se por estar no estado da innocencia Eva tinha maior obrigação de ser agradecida; a mesma corre tambem ás almas do Purgatorio, pois a propriedade do lugar onde vivem, as faz a todas innocentes. E assi quem duvida, que livres dos tormentos do fogo, por meyo dos affectos de vossa piedade, a primeira cousa de que se lembrem, depois de se verem com Deos na

na gloria, seja de rogar, & interceder por aquellas su-
as devotas irmaãs, que hoje com tanta devoção estão
pedindo a Deos, as livre do rigor das penas, que as a-
tormentão. Porque he certo que a primeira obriga-
ção, que corre aos que se vem na gloria, he lembrar-
se daquelles, por cujo meyo a alcançarão. *Gloriā me-
am alteri non dabo:* a minha gloria, dizia Deos antiga-
mente por Isaias, não a hei de dar a outrem. Toma-
das as palavras como soão, & entendidas em sentido
literal, não deixão de ter sua difficuldade: porque se
Deos deseja tanto a salvação dos homens todos, co-
mo diz agora, que a nenhum delles ha de dar a gloria:
Gloriā meā alteri non dabo. Os setenta Interpretes ver-
terão muito a nosso intento desta maneira: *Crucem
meam alteri non dabo*, a minha Cruz não a darei a
outrem: donde claramente se infere, que a gloria de
Christo era a sua Cruz, & que nella tinha o Senhor
postos todos seus regalos, & todas as felicidades de sua
gloria; & por isso o mesmo foi no monte Calvario
subir o Senhor a sua Cruz, q̃ subir a sua gloria. Agora
pergunto: & q̃ fez o Senhor tāto que se achou de posse
da sua gloria, tāto que se vio arvorado na sua Cruz? A
primeira cousa que fez, diz o Texto, foi pedir ao eterno
Pay perdão pera aquelles, q̃ o crucificarão nella: *Pater
dimitte illis, nõ enim sciũt quid faciũt.* De modo q̃ a pri-
meira lẽbrāça, q̃ o Senhor teve na sua gloria foi daquel-
les, q̃ o crucificarão na Cruz. Depois entregou o disci-
pulo à Māy: *Mulier ecce filius tuus.* Depois entregou a
Māy ao discipulo: *Deinde dicit discipulo ecce Mater tu-*
Depois deu o Paraiso Ladrão: *Hodie mecum eris*

Isai. c. 42. n. 8.

P.

Paradiso. Depois pedio alivio a ſua ſede *ſitio.* Depois deu as amoroſas queixas a Deos, por parte de ſeu corpo: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me?* Depois finalmẽte entregou o Spirito nas maõs do Eterno Pay: *Pater in manus tuas cõmendo ſpiritũ meũ.* Aſſim, que na Cruz a primeira lembrança, & o primeiro cuidado foi dos ſeus inimigos, deſpois ſe lẽbrou da Mãy, do Diſcipolo, do Ladrão, da ſede, do Corpo, da Alma: porque como pregado na ſua Cruz, gozava o Senhor da ſua gloria; & na gloria ſeja de vida a primeira lembrança àquelles, por cujo meyo ſe alcança, ſendo a crueldade dos inimigos a que pos ao Senhor na Cruz, obrigação era, que delles fizeſſe a primeira lembrança ao Eterno Pay: *Pater ignoſce illis, nõ enim ſciũt quid faciunt.*

Do meſmo modo, digo eu, procederàm tãbẽ as Almas ſantas do Purgatorio, as quaes poſtas diante da divina preſença, como ja não neceſſitão de fovor, & valia para ſi, toda a gaſtaràm com aquellas ſuas devotiſſimas irmãs, cujas oraçoens, & ſuffragios forão a cauſa de com mais preſſa chegarem ás felicidades da gloria, que poſſuem. Donde vem as Fundadoras da Confraria das Almas deſte Religioſo Convento, a intereſſar neſta ſua devoção tres felicidade mui grandes, & ſaõ: que partindoſe deſte pera o outro mundo, acharàm ſuas irmãs em tres lugares diffentes, que lhes ſeràm tres alivios mui conſideraveis. Primeiramente, acharàm hũas no Purgatorio pera à companhia, acharàm outras no Ceo para á vida, deixaràm outras na terra para o ſuffragio. Nas do Purgatorio tem cer-

ta a companhia nas penas, & he alivio: nas do C
tem segura a valia nos rogos, & he felicidade: na
terra deixão certo o soccorro dos suffragios, &
ventura. Com as do Purgatorio se acompanhão,
do Ceo se valem, nas da terra esperaõ, & juntand
as valias das do Ceo com os suffragios das da ter
faram, as que desta vida partirem, escassos os m
de seu tormento, limitados os dias de suas penas, c
todas as horas de sua esperança: & passando do fe
purificadas aõ Ceo, se acharaõ com gostos sem p
dida, com felicidades sem termo, com glorias
sem limite, com eternidade sem fim. *Ad
quam nos perducat Dominus omnipotens
Pater, Filius, & Spiritus Sanctus.
Amen.*

LAUS DEO.